

J. BELÉM

Musa Ferina

Santa Maria — Março 1919 — R. G. do Sul

DO MESMO AUTOR:

Notas falsas, revista de costumes.
Filhos de Momo
O Peixão
Fitas do Centenario
O gatuno do amor, burleta.
Regeneração por amor, drama.
Aerolithos, livro de versos.
Paginas perdidas ,

EM PREPARO:

Os Ursos, poemeto.
O divorcio, comedia.



K. Ferina

MUSÀ FERINA

MUSA FERINA

Vae, livro meu, affronta a canzoada
Que ha de, ladrando, babujar meu nome,
Não te assuste de Alguem a face irada,
Como não penses conseguir renome.

Ante a critica injusta, atoleimada,
Não permittas que a colera te assome.
Ri!.. Porque nada mais que uma risada
Ha que o zoilo imbecil castigue e dome.

Portanto, ó minha Musa, ri, descanta
Como os bohemios sedentos de prazeres
Que só se deitam quando o sól levanta.

Dilue, em versos rubros, rubra graça,
E, si acaso um motejo perceberes,
"Non ragionar di lor, ma guarda e passa."

A CRISE

Parodia do soneto «*Mal Secreto*»,
de Raymundo Corrêa.

A CRISE

Si a falta de dinheiro, a detestada
Crise ninguem aos outros occultasse,
Tudo o que é falso, tudo o que é pomada
No rosto dos humanos se estampasse;

Si se pudesse a prata amoedada
Ver através do cotre que a guardasse,
Quanta gente de rica intitulada
Da esmola de dois nickeis precisasse.

Quanta gente, passeando, enchapelada,
Traz a camisa velha e remendada,
Que o vestido de seda oculta bem !

Quanta gente, meu Deus ! no mundo existe
Cuja ventura unica consiste
Em não ter nada, mas fingir que tem !

.....

Os filhos de Judas

Os filhos de Judas

— Judas filhos não tem entre a canalla,
Entre a misera turba envilecida!...
Aquelle que maneja uma navalha,
Ou matando ou roubando expõe a vida.

Mas não é um traidor!... E' vida fallha
Para o Bem!... Para Deus — alma perdida.
Mas nem a sociedade o agasalha,
Nem a "gente de bem" lhe dá guarida.

— Mas os filhos de Judas onde estão?!. . .
Entre a gente de bem?!. . .

— Dúvidas disto?
Pois vae ali, penetra no salão

Da fina sociedade e não te illudas...
Certo, não has de te encontrar com Christo...
Mas não podes deixar de encontrar Judas!...

ROMETA e JULIEU

Rometa e Julieu

Era ella uma moçoila — era elle um velho!
Encontraram-se... e olharam-se ao luar!
Depois, conforme a regra do Evangelho,
Fizeram conta de multiplicar.

O Julieu, que, talvez, deante um espelho
Nunca fôra seu rosto contemplar,
De ninguem quiz ouvir o bom conselho
De não levar Rometa p'ra o seu lar.

E a levou!... Que amor puro e santo aquelle!
Ella, porém, não se deu bem com elle,
E, uma noite, ao soprar de leve aragem,

Deixando o meigo e pallido Julieu
Enlaçado nos braços de Morpheu,
Bateu Rometa a candida plumagem!...

Por gramma e por centimetro

Rometa e Julieu

Era ella uma moçoila — era elle um velho !
Encontraram-se... e olharam-se ao luar !
Depois, conforme a regra do Evangelho,
Fizeram conta de multiplicar.

O Julieu, que, talvez, deante um espelho
Nunca fôra seu rosto contemplar,
De ninguem quiz ouvir o bom conselho
De não levar Rometa p'ra o seu lar.

E a levou!... Que amor puro e santo aquelle !
Ella, porém, não se deu bem com elle,
E, uma noite, ao soprar de leve aragem,

Deixando o meigo e pallido Julieu
Enlaçado nos braços de Morpheu,
Bateu Rometa a candida plumagem!...

Por gramma e por centimetro

Por gramma e por centimetro

E' velho e já de bem puchada edade!...
Mas não tem este olhar calmo, sombrio
Dos velhos... Penso até que descobriu
O segredo da eterna mocidade.

Entretanto, elle è velho na verdade...
E até velho já era quando ouviu
O grito que Dom Pedro proferiu
Nas margens do Ipyranga á Liberdade.

Embora os annos, elle vive ás soltas!...
Como tem ouro, prodigo o derrama
Nas mãos das raparigas desenvoltas...

E ellas que o trazem preso, enfeitiçado,
Fazem pagarlhes caro — o amor por gramma
E o corpo por centimetro quadrado!

O ESCRIPTOR

Parodia do soneto «Cegonhas»
de Annibal Theophilo.

O ESCRIPTOR

Em solitario pallido Escriptor,
Em fundo pensamento mergulhado,
A mão na penna, á mesa debruçado,
Quem pôde, sem piedade, os olhos pôr?

Vendo-o, menino, pensas com pavôr
Que um orelhudo burro mal domado
Satanaz por pirraça, encommodado,
Mudou nesse homem lívido, sem côr.

Mas eu, que penetrei no petreo, denso
Abysmo do seu craneo, sem que visse
Um nadinha de phosphoro uma vez...

Ao vel-o, assim, pendido á mesa, penso
Ver a estatua de carne da Burrice
Espantada da propria estupidez.

Si elle fosse o que pensa...

Si elle fosse o que pensa...

Si elle fosse um millesimo somente
Do que pensa que é, seria tanto
Que iuia assim mesimo causaria espanto
A grande parte desta boa gente.

E em tal caso devia ter pendente
Do pescoço uma figa de pau santo
P'ra evitar maus olhares e quebranto
Que devia atrahir naturalmente.

Entanto, reduzido o tal sujeito
A's suas proporções, Sua Excellencia,
De tanto aplomb e tão geitoso aspeito,

E' um porongo. Mas tem a habilidade
De se saber encher, com proficiencia,
Do gaz que elle respira — a fatuidade.

O JOGO DO BICHO

O jogo do bicho

Como peste mortifera inclemente
Que vem de infame e de asqueroso lixo,
Assolou nossa terra, infelizmente,
O pernicioso e mau jogo do bicho.

Ninguem foge ou se escapa impunemente
Das garras de seu magico capricho,
Nem a donzella candida inocente
E talvez... nem a Virgem no seu nicho.

Tudo joga : A creança ingenua e boa,
O “bello moço”, o “cidadão bemquisto”
E a criada que rouba da patrôa...

Joga o pai, joga a mãe... Que sociedade!...
Mirem-se nesse espelho e depois disto
Venham cá me prégar moralidade!...

O GRANDE HOMEM

O grande homem

Não era um legalhé filho do povo,
Era um membro da *élite*, muito embóra
Fosse dos taes que não comiam ovo
Para não atirar a casca fóra.

Quandouento esta historia me commovo
E minha alma sensivel quasi chora,
Pois inda que não seja um caso novo
E' facto que até hóje se deplora.

Còrta uma perna pôdre o grande homem !
Ainda em meio das dores que o consomem,
Pergunta ao bom doutor de face terna :

-- Quanto custa o serviço ? . . .

-- Só tres contos.

— Que diz ? ! brada o infeliz, rompendo os ponto
Por esse preço eu dou-lhe esta outra perna.

Viação Ferrea do R. G. do Sul

Paródia do soneto «As pombas»,
de Raymundo Corrêa.

Viação Ferrea do R. G. do Sul

Váe-se o primeiro trem muito apressado,
Váe-se outro, ainda mais outro, enfim, dezenas
De trens avançam da Estação apenas
Dá o agente o signal convencionado.

A' tarde, quando o sol já desmaiado
Morre, machinas grandes e pequenas
Comboiando vagões, que cauzam penas,
Voltam gemendo: tudo esbodegado.

Assim um caixão funebre, tristonho,
E um rapido trem que as azas solta
São, afinal de contas, quasi iguaes...

Ambos nos levam p'ra o Paiz do Sonho:
— Mas quem parte no trem, A'S VEZES volta,
E quem váe no caixão não volta mais.

O TRIBUNAÇO

O TRIBUNAÇO

Sobe á tribuna! Tosse! Olha a assembléa
Como quem vae falar sobre mysterios...
Pára um instante, concertando a idéa,
E abre a torneira, emfim, dos despauterios.

Discursos colossaes de legua e meia
Vérte capazes de abalar imperios...
E, enquanto delle não se estanca a veia,
Os ouvintes não podem ficar serios.

E' um monumento! Um raro monumento!
Que não fende, não tomba, não sossóbra,
Nem mesmo deante do furor do vento!

Sempre firme, bem firme, não se dobra,
Compensando-lhe a falta de talento
A soberba coragem que lhe sóbra.

CASAL FELIZ

CASAL FELIZ

Elle dependurou-se ao braço della...
Dependurar-se ao delle ella procura.
E como andavam já na dependura,
Tão bem ella o entendeu como elle a ella.

Foi uma esplendida união aquella!
Nunca a turbou nem sombra de amargura
Dir-se-ia que o Archanjo da Ventura
Sobre o casal velava... e que inda vélæ.

Sob o pallio do amor que os enebria,
Em lindos sonhos cor de rosa immersos,
Nenhuma privação os contraria.

Si não tem que comer, nada se come.
Elle é poeta — lhe recita versos
Ella é cigarra — canta si tem fome.

A DESHON RA

A DESHONRA

A gente espantado fica
Ao ver julgar a deshonra.
— Quando a esposa prevarica
O esposo é quem perde a honra.

Da asneira que fructifica
Outra sae, mais engraçada :
— Quando o esposo prevarica
A esposa não perde nada.

PETRONIO

PETRONIO

Esse moço elegante que tem ares
De conde de opereta diz que tem
De gravatas de sêda alguma milhares
E ricas fatiotas mais de cem.

Botinas estrangeiras — trinta pares...
E si nem todas do estrangeiro vêm,
E' que apezar de todos os pezares
Protege a industria nacional tambem.

E' um petronio moderno, não tem tunica
Como usava o romano antigamente,
Mas tem uma casaca preta, unica!...

Bem talhada, finissima, correcta,
Deu-lh'a o Rei da Beocia, um seu parente,
De quem descendê o moço em linha recta.

A TUA CARTA

Paróquia do soneto - *Tese Lencôlo* -
de Guimaraes Passos.

A tua carta

A' tua carta que possuo e guardo
Dentro da mala, quando a leio penso
Que hei de um dia indo ter o gosto immenso
De mandar-te a resposta em papel pardo.

Em cólicas tremendas, porém ardo
Em procurar alguém de pouco senso
Que te leve a resposta em que condenso
Palavras ponteagudas como um dardo.

Porém, ó minha typica panthera,
Olha cá p'ra o meu lado, e, olhando, espera
Com essa rude altivez de que blasonas,

Que, em fin, quando tão menos esperares,
Has de ver minha carta ir pelos ares
Gorda, estufada, plena de taponas.

O ARAME

O arame

Que vale ser honesto, si tu és pobre,
Estupido animal?... Mereces bolo!...
O essencial é ter cobre, muito cobre.
Ouviste, ó cabecinha sem miolo?!

Não ter conforto mas dizer "Sou nobre
De sentimentos". Oh!... Fresco consolo!
E' melhor que o conforto sempre sobre
E falte o sentimento, ó grande tolo!

A sociedade é assim, pouco se importa
Do sentimento humano discernir,
Para ella esta cousa é letra morta.

A questão é de arame, esta é a verdade...
O que é preciso é cobre p'ra entupir
A consciencia venal da sociedade.

A lingua da Dona

A lingua da Dona

Quando a Dona mastiga, é descançada,
Pois não receia succumbir a mingua,
Porém sabe que morre envenenada
Si acaso, a mastigar, morder a lingua.

Córtá essa lingua má, lingua afiada,
Qual córtá o bistury dorida ingoa,
E posto o bistury, junto á damnada,
Só pelo comprimento é que distingo-a.

Não sei quanto ella mede, porém, creio
Que a terrivel medida, bem medida,
Ha de dar, pelo menos, metro e meio.

Dahi ficar-se com a cabeça ôca
A pensar como lingua tão comprida
Ella pode esconder dentro da bocca.

QUE DENTISTA!

QUE DENTISTA!

Em certa aldeia, ha annos, existia
Um dentista notavel no desleixo,
E que, empunhando o boticão, dizia .
Ha de sahir... ou lingua, ou dente, ou queixo.

Umas vezes o queixo é que sahia,
Dando ao caso tristissimo desfecho ;
Outras vezes a lingua é o que extrahia
O dentario metalico apetrecho.

Porém nem sempre era infeliz o cliente,
Si nem queixo nem lingua elle arrancasse,
Era, na certa, que arrancava um dente.

Embora, alguma vez, na operação,
O dente que doia não sacasse,
Mas sacasse o queixal que estava sāo.

Como elle, só elle

Parodia do soneto «Anjo enfermo»
de Affonso Celso.

Como elle, só elle

Súa, sentado á mesa, o bacharel
Que não sabe direito e que é juiz!
Que se faça um ridículo papel
Assim, porque, Senhor, o consentis ?!...

O' cabuloso ser! ó Pantagruél!
Si Deus ouvisse o que este Povo diz
Mudar-te-ia em besta de aluguél
Do que escapas apenas por um triz.

Como te faz crelino a sorte amarga!...
E o governo, que é māi, ouve-te os urros
Mas não te arranca a tēta á bocca larga.

Sim, é māe, dá a mamar o seio nú,
Mas si tem tido muitos filhos burros—
Nunca teve um tão burro como tu.

O melhor negocio

O melhor negocio

Era dum caiporismo indiscriptivel
O pobre do Pancracio ! Trabalhava
Como um mouro ! E na *chia* mais horrivel,
Embora trabalhando, sempre andava.

O negocio melhor que imaginava
No qual devia ter lucro infallivel,
Era certo que, em meio, esbarrondava
Deixando o pobre em condiçao terrivel.

Mas aquelle era um forte ! Audaz, lutou !
Lutou desesperado, furibundo,
Té que, afinal, um dia triumphou !

Hoje Pancracio não se mortifica!...

• • • • • • • • • • • • •
O negocio melhor que ha neste mundo
E' o sujeito casar com mulher rica.

A POLITICA

A POLITICA

A trahira é um peixinho; não é grosso
Nem comprido, mas fero e traiçoeiro;
Quando tem fome e não encontra almoço
Leva aos dentes a carne do parceiro.

Assim é a politica! Um colosso
De perfidias! Um monstro verdadeiro
Que é capaz de engulir com carne e osso
O seu mais dedicado companheiro.

Desde que se comprehenda necessario,
Para a "boa harmonia" do partido,
Sacrificar-se o correligionario,

Lança-o fora o Partido em que lutou,
Como quem bota fóra, distrahido,
A ponta do charuto que fumou.

A SAIA CURTA

A SAIA CURTA

Simplicio é partidario apaixonado
No vestido da moda — a saia curta.
Quando alguém a condena, entusiasmado,
De a defender Simplicio não se furtá.

Em vista disto, sua cára esposa
Mandou curto fazer o seu vestido,
E obrando assim, não pensa noutra cousa
Que não seja agradar a seu marido

Mas, que horror! O Simplicio se encommóda!
Fica mais bravo de que os bravos pôtros!

E' que o Simplicio acha bonita a moda,
Muito bonita... na mulher dos outros.

IM DO MEZ

Parodia do soneto *Sol* de
Marcello Gama.

FIM DO MEZ

— “Anda depressa, ó Mez, porque demoras?
Vai-te, vai-te, ouve a minha ardente prece”
Este maldito mez até parece
Que tem dias de cento e tantas horas.

E’ que o patrão que tem libras sonoras
E o dinheiro em seu bolso sempre cresce,
Até findar o mez, mudo se esquece
Que eu não vivo de brisas nem de auroras.

— “Mez chega ao fim!” — E quando o fim ja ver
Os credores me cercam... Fico afflichto
Por ver que elles me deixam sem vintem.

— Mez, pára um pouco — E o mez sem me escutar
Vae findando, findando, enquanto eu grito:
— “Mez! por favor, ó mez, vae devagar”

A REALIDADE

A REALIDADE

Vive alegre, contente, bem disposta
A pessoa, como eu que, em seu cantinho,
Vae comendo o quitute de que gosta,
Sem se importar com o gosto do vizinho.

Tal pessoa entretanto, fica exposta.
Ao martyrio de infame pelourinho,
E si não tiver forças não arrosta
As urzes que lhe espalham no caminho.

Eu arrosto-as... Bohemio satisfeito,
Río até quando um puro me atassilha!...
Pois bem sei que não ha ninguem perfeito.

Todos falham, mas sem que se suspeite
Todo hypocrita fino esconde a falla
Como a vacca manhosa esconde o leite.

ASPIRAÇÃO

ASPIRAÇÃO

Quem o vir, pela rua empertigado,
Trajando sempre com apurado gosto,
Escanhoado muito bem o rosto,
Com seu lindo bigode bem cuidado,

Comprehenderá que o minimo desgosto
A sua alma não tem inda enlutado,
E que a estrada da Vida em que ha trilhado
Teve a polychromia de um Sol-posto.

E assim foi!... Sorte igual nunca se viu!
Todos seus planos resultaram bem,
Pois tudo a que aspirava conseguiu.

Hoje nada mais quer!... E' natural!...
Que a sua aspiração não vae além!
De coronel da Guarda Nacional.

ALMA ESCURA?

ALMA ESCURA?

Dizem que os olhos reflectem
Como o espelho a alma da gente...
Des'arte te compromettem
Querida, horrorosamente.
Porque si acaso se apura
Verdadeira a affirmação...
Olhos negros — alma escura,
Effeitos da reflexão.

BRA PERDIDA

Parodia do soneto «Alma minha
gentil» de Camões.

Libra perdida

Libra minha gentil, que te sumiste
Tão depressa do bolso descosido,
Repousa lá por onde te hei perdido
Que eu sigo a procurar-te avido e triste.

E si lá do logar em que cahiste
Vês a magua dum peito compungido,
Não te esqueças do languido gemido
Que soltei quando vi que me fugiste.

E, como tu deixaste-me a sentir
Tua falta que dóe como uma chaga,
Has de agora este appello meu ouvir:

Roga ao Destino mau que me roubou
Que mil moedas d'ouro elle me traga
Em troca de uma só que me levou.

A guarda nacional

A guarda nacional

O' Patria minha, exulta ! O patriotismo
De teus filhos no mundo é sem igual!
Isto o demonstra o calido civismo
Da incomparavel Guarda Nacional.

Chega mesmo ao delirio, ao fanatismo,
A anciedade febril, descommunal,
Com que, como um protesto ao pacifismo
Ella augmenta de um modo colossal.

E no dia em que a Patria, a perigar,
O sacrificio ingente dos fiéis
E intemaratos guardas reclamar...

Não seguirão os bravos, denodados
Tenentes, capitães e coroneis
Porque a Guarda... Que horror! não tem soldados

Instrumento de suppicio

Instrumento de suppicio

Caro e nobre poéta. Com a indulgencia
Que me inspiram os pobres aleijados,
Tive a santa, evangelica paciencia
De ler os versos teus, de pés quebrados.

Mas penso que a Divina Providencia
Em conta levará de meus peccados
Essa rude, terrivel penitencia
A que foram meus nervos condemnados.

Immortal poetastro das Sandices,
Da lyra tua os cantos maguados
Vieram tarde ao mundo. Se existisses

No tempo do horroroso Santo Officio
Os teus versos seriam proclamados
Como bons... instrumentos de suppicio.

Romance historico

Romance historico

A sociedade hypocrita, mesquinha,
Deslumbrada das libras pelo brilho,
Cospe o desdém nas faces da velhinha
E lambe as mãos sacrilegas do filho.

E' que a mäi andrajosa, enrugadinha,
No seu viver faminto, maltrapilho,
Esmola, enquanto a Morte se avisinha
P'ra lhe encurtar o tormentoso trilho

E o filho tem palacios, joias cáras...
Si, na pobre velhinha mette os pés,
Tem, comtudo, virtudes muito raras !

E' um puro ! Em pundonor todo se abrasa !...
Não jóga, não frequenta os *cabarets* !...
Nem vae tarde da noite para casa !...

Pallido e moiro

Parodia do soneto «Pallida e loira»
de *Antonio Feijo*.

Pallido e moiro

Morreu! Deitado no caixão dormia
Pallido e secco, de cabello moiro!
Mas mesmo morto, um olho inda abriria
Si ao chão tombasse uma moeda de oiro.

Buchio que estoira quando o vento o enchia,
Ninguem se impressionou com tal estoiro!...
Com as unhas, enfim, não mais feria,
Pallido e secco, muito secco e moiro.

Tinha a cor do ciganos vagabundos
Que, a noite, fazem cama junto aos muros,
Servindo de lençol trapos immundos.

Satan levou-o num surrão de coiro,
E nunca mais poude emprestar a juros
Pallido e secco, muito secco e moiro...

DEVASTAÇÃO

Devastação

A fatal, pavorosa Viação,
Viação não só ferrea, mas ferrenha,
Entendeu de não mais queimar carvão
Para só nos seus trens empregar lenha.

Gananciosa, febrenta de ambição,
Sem que um pulso fortíssimo a contenha,
Na completa, total devastação
Dos mattos do Rio Grande ella se empenha.

Dia e noite os vorazes monstros d'aço
A's arvores giganteas dão consumo.
Devorando-as pedaço por pedaço.

E até que Deus dos céus protecção mande,
Elles vão reduzindo a cinza e a fumo
As soberbas florestas do Rio Grande!

As obras de cavação

As obras de cavaçāo

Cavadores de uma figa!
Que o Povo á fava vos mande!
Vocês, servindo á barriga,
Fingem servir ao Rio Grande!
As "obras monumentaes".
De propaganda do Estado,
São cavações, nada mais ..
Que o Povo aguenta calado!

Em fresca litteratura
De fresco e pallido estylo
Nessas taes publicações,
Fallando de agricultura,
Vocês só pensam naquilio
Com que se compram melões.

O que mais gabo é a ousadia
Do sujeito cavador
Que da noite para o dia
De burguez passa a escriptor.

OS VILLÕES

OS VILLÕES

Ha individuos que tratam com rigor
Com o mais desdenhoso menoscabo
A todo aquelle infeliz pobre diabo
Que lhe vai supplicar simples favor.

Com attitudes dramaticas de actor
Que, na comedia apenas, é nababo,
Recitam, sem parar, de cabo a rabo
Os deveres do escravo ao seu senhor.

São assim os villões, esses velhacos
Que p'ra os fracos são fortes e entretanto
Em presença dos fortes ficam fracos.

Encurvados, humilimos, serenos,
Na presença dos grandes baixam tanto
Quanto sobem na frente dos pequenos.

ORTHOGRAPHIA

ORTHOGRAPHIA

Recebi, minha flor, teu bilhetinho,
Que agradavel noticia me trazia ;
Recebendo, beiei-o com carinho,
Como os teus proprios labios beijaria.

Na alvinitencia do papel de linho
Teu grande, immenso amor se reflectia,
Porém me encabulava um poucochinho
A tua extravagante orthographia.

A principio suppuz fosse phonetica,
E, comquanto me seja ella antypathica,
Achei-te original, algo de esthetica...

Pareceu-me depois etymologica...
Concluindo, afinal que, sendo asnatica,
E' nova orthographia—a demagogica.

RBARA.

Parodia do soneto «Rosa»
de Zéférino Brasil.

BARBARA

Barbara é o nome, assim é conhecida.
Outro nome melhor não lhe cabia...
Fosse ao tempo dos barbaros nascida
Nem mais barbara a barbara seria.

Barbara a sua voz que, quando ouvida,
Lembra o barboso som da artilharia;
Barbara na caricia, parecida
Com as da gata, si a gata acaricia...

Amando, sente barbaros ciumes,
E' Moêma, afinal, com seus queixumes,
E, quando odeia, é fertil em maldades.

Para barbara ser completamente
Não abre a bocca em que lhe falta um dente
Senão para dizer barbaridades!...

Gaveta... de noticias

Gaveta...de noticias

Jornalista acanhado e sorumbatico,
Nos segredos da escripta muito sceptico,
E' capaz de estourar qualquer grammatico
Com um ataque terrivel, apopleticó.

Basta só que o infeliz não seja pratico
Em leitura de estylo ultra-synthetico
E procure encontrar no todo asnatico
Alguni pedaço que pareça estheticó.

Esse, da imprensa monumento gothico,
Que tem no petreo cerebro granitico
Um mundo escuro, apathico, cahótico,

Embora do talento paralytico,
Olha sempre a gaveta... O nervo óptico
Funciona como um calculo analyticó.

COMO O PAVÃO

COMO O PAVÃO

E' o pavão ave que sente
Orgulho de ser bonita,
Mas, si descuidadamente,
Em seus pés os olhos fita,
Fica triste de repente.

E's toda inteira um pavão.
— Linda, formosa, tu és,
Mas tão cabulosos são
Teus enormíssimos pés...
Que um homem perde a illusão

O é de ferro

Parecia do soneto «*Sute de Setembro*» de Félix da Cunha.

Não é de ferro

— “Silencio! Não espantes o alarife,
Que a policia já quasi tem na mão” —
E' noite! Eis que approxima-se o patife
E fórça a fechadura do portão.

Entrou! E não ha cão que te espatife,
Larapio vil, grandissimo ladrão!

— “Vem, meu marreco, cá está prompto o bife,
Decerto advinhaste a occasião!”

— “ Recua?! — Fecha a mão e o braço agita...
Dá um passo... outro mais á retaguarda,
Olha em torno de si. “Ei-lo que grita:

— “Uma óva ! O palacio é principesco !...
Mas lá vejo a policia que me aguarda...
Não sou de ferro !” — E foi se pondo ao fresco.

origem das fortunas

A origem das fortunas

A origem das fortunas não se indaga!...

E' fóra da etiqueta
Saber si o homem que a Fortuna affaga
Tem na consciencia alguma mancha preta.
E' rico?!... está acabado,
Lança-se espesso véu sobre o passado.

Isto porque si fosse decretado
Pelo Poder Divino Omnipotente,
Que todo o cidadão apatacado
Dissesse, sem mentir, publicamente
A origem certa da fortuna sua,

Muita gente
Nunca mais botaria o pé na rua.
Perdendo-se talvez, uma metade
Da flôr da sociedade!...

vinho e a liberdade

O vinho e a liberdade

A liberdade é assim como o bom vinho:
Enthusiasma, arrebata, tonifica.
E, como aquelle sendo, é comesinho,
Quando della se abusa, prejudica.

Quem teimoso, com férvido carinho,
Beija o copo de mais, bebedo fica.
O liquido, que é bom, faz-se damninho,
Em vez de dar saúde, mortifica.

Bem como a liberdade. E até veremos
Que tanto como o vinho ella embriaga,
Pois que exemplo, na Historia, hoje já temos:

— Em nome dos direitos da Egualdade,
Depõe a Russia o Czar!... E, apôs, naufraga
Num pifão colossal de liberdade!...

VICIOS

VICIOS

Que tens tu, puritano aguardentado,
Que eu seja ateu, que não frequente a igreja?...
Que seja libertino, mau, viciado
E tudo mais que queres tu que eu seja?

Que me atire a primeira pedra, irado,
Aquelle que de culpa isento esteja,
Não tu, que tens o corpo saturado
De cachaça, de vinho e de cerveja.

Eu bebo apenas agua, agua somente,
Porem não rézo. E tu, de alma submissa
Rezas, porém só bebes aguardente.

Eis ahi ! Sem um vicio ninguem passa:
Eu tenho o vicio — de não ir á missa,
Tu tens o vicio — de beber cachaça !

O BURGUEZ

O BURGUEZ

O burguez não causa dó,
E' rico e, sem que o pareça,
Não tem estomago só,
Tem estomago e cabeça.

A vida sua é um recreio,
Vive em perenne alegria,
Sempre com o estomago cheio,
Mas com a cabeça vazia.

Furos no telhado

Furos no telhado

Não tem, p'ra que digamos, muito geito
Para escrever; entanto, gosta immenso
De publicar artigos a respeito
De leis, mostrando o seu saber pretenso.

Seria, certamente, um bom sujeito,
Porém nunca um doutor seria, eu penso,
Si nas Academias de Direito
Se exigisse atestado de bom senso.

Não seria siquér matriculado...
Todos sabem que a culpa não é sua,
Mas, certo, é que tem furos no telhado.

Faz, comtudo, uma bella figurinha
Com um chapeu de tres bicos, pela rua,
Entre os dedos girando a bengalinha.

Orgulho e belleza

Orgulho e belleza

Porque és formosa, ó candida donzella,
Não deves ter orgulho de princeza...
Pode, ainanhã, bater-te a varicella
Ou variola peor... E que surpreza!...

Dá teu orgulho em aguas de barrella,
E, rolando, á mercê da correnteza,
Irá elle, humilhado, ó minha bella,
Chorando o desprestigio da belleza.

Sê modesta, tratavel. Acredita
Que a modestia, no publico conceito,
Faz mais bonita uma mulher bonita.

Ao passo que um orgulho futil, vâo,
Faz no mais bello rosto o horrendo effeito
De olheiras mal pintadas a carvão.

NEGRO

NEGRO

No exterior tu és negro. A pelle escura
Differente te faz da branca gente,
Mas por dentro és igual á creatura
De epiderme mais clara, alvinitente.

Não te acabrunhe, pois, a desventura
De seres preto, e pensaunicamente
Que tu és feito da mesma massa impura
De que é feito qualquer de pelle albente!

E embora sendo a carne e os esqueletos
Feitos da mesma originaria massa,
Conheço brancos que seriam pretos,

Si, dependendo de um temperamento,
Não fosse a cõr uma questão de raça,
Mas fosse uma questão de sentimento.



No tribunal do jury

No tribunal do jury

Esse que ahi chega em meio de uma escolta
E' aquelle sujeito astuto,
Mas com cara de bruto,
Que certa vez comprou passagem de ida e volta
Sem tenção de voltar,
Assim obrando então
Somente p'ra enganar
O agente da Estação.

Em jury vae entrar, não pelo facto
Acima referido.
Trata-se agora dum assassinato
Fria e barbaramente commettido.

Está formado o conselho de sentença.
Que cara de sabença
Têm os cinco jurados que ali estão!
Homens de toda a consideração.

Interrogado o réu, confessa o crime,
Diz que matou... porque lhe deu vontade!
E, assim falando, o seu olhar exprime
A quint'essencia da ferocidade

sensor, um moço de talento,
causa perdida no momento,
com rica e feliz inspiração
iziu brilliantissima oração,
ando legitima defeza...

ação que não causou surpreza,
que estando provado o assassinato
asneira maior negar o facto.

Debates terminados,
quartinho secreto se metteram
senhores jurados
a o caso tão simples decidir.
que elles resolveram
e o leitor ouvir:

cumspectos, soleinnes, serios, graves !
sseram todos quasi que a uma voz :

“Este marreco já enganou o agente
Izendo que voltava e não voltou,
as si áquelle animal elle enganou
ão engana a homens vivos como nós!...
lle diz que matou unicamente
ela mania de enganar a gente!
Mas quem se engana desta vez é elle
Nós somos mais expertos do que aquelle!
Negaremos o facto.”

E no fim do ultimo acto
Assim aconteceu.

Quando o juiz, com ar solemne, perguntou :
— “O reu... no dia tal... assim... matou... ?”
O jury respondeu :
— “Não” —

E ninguem succumbiu naquella occasião.

A justiça social